

RESENHAS

HUE, Sheila Moura; PINHEIRO, Ana Virgínia (Org.).
Catálogo dos Quincentistas Portugueses da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Edições da Biblioteca Nacional, 2004.

Por Flávio Reis*

Em 1534, o letrado português André de Resende, na dedicatória da sua “Oração de Sapiência” ao Rei D. João III, lamenta-se pela má qualidade das impressões em Portugal. Referindo-se diretamente ao impressor Germão de Galharde, André de Resende recomendava ao rei rapidez em providenciar para Lisboa tipografias que fossem dignas da sua importância como capital do império. A insatisfação de Resende nos leva a duas questões: a querela seria inverossímil e particularmente voltada contra Germão de Galharde, ou esta reclamação marca o início de uma atenção maior para a prática da impressão, agora sob a observância do advertido monarca D. João III?

No ano de 2004, ainda no entusiasmo das comemorações dos 500 anos das relações entre Portugal e Brasil, a Biblioteca Nacional realizou a segunda edição do *Catálogo dos Quincentistas Portugueses da Biblioteca Nacional* organizado por Sheila Moura Hue e Ana Virgínia Pinheiro. Esta segunda edição substitui a de 1989, completamente esgotada, com nova apresentação, acréscimos e correções tal como esclarece Ana Virgínia Pinheiro num dos textos introdutórios.

A apresentação do livro foi realizada por Cleonice Berardinelli e Gilda Santos e acompanham-na artigos de Pedro Corrêa do Lago: “Uma

* Mestrando em Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

coleção revisitada”, José Blanco: “Uma parceria profícua”, Luis Felipe Baeta Neves: “Quinhentistas Portugueses do Século XXI, imaginação social e caminhos possíveis”, Sheila Moura Hue: “Impressos restaurados pela Fundação Calouste Gulbenkian, um Panorama” e Ana Virgínia Pinheiro: “A propósito do Catálogo”. Neste último texto, a bibliotecária descreve os procedimentos formais, ou melhor, bibliológicos, escolhidos para a organização do catálogo e cita importantes trabalhos desta mesma natureza realizados em Portugal, tais como as obras de Antonio Joaquim Anselmo, o setecentista Diogo Barbosa Machado e o famoso catálogo de D. Manuel II, rei de Portugal: *Livros Antigos de Portugal*, em três volumes. A obra de D. Manuel II, apesar da distante data de publicação (1929), é a obra que mais se aproxima do *Catálogo* carioca dentre as citadas, já que ambas optaram pelas informações bibliológicas seguidas por reprodução de imagens fac-similadas de partes dos livros catalogados.

O livro dá notícias de 361 impressos publicados entre 1501 e 1600 nos prelos portugueses que pertencem atualmente ao acervo de obras raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. À relação das obras seguem uma sumária bibliografia e índices de autoridades ou títulos, os nomes dos impressores, tipógrafos e livreiros, bem como as coleções e marcas de propriedade.

O primeiro impacto deste livro sobre livros é sua bela apresentação editorial. O cuidado tipográfico em escolher os tipos Réquiem, criados por Jonathan Hoefler e inspirados no manual de caligrafia de Ludovico Arrighi, de 1523, juntamente com a reprodução fac-símile de partes dos documentos catalogados como ilustrações fazem da obra de 2004 um artefato que se quer tão esmerado como os impressos quinhentistas preservados, feitos com cuidados herdados dos manuscritos, muitas vezes com iluminuras, gravuras, brasões e molduras.

Voltando à dedicatória de André de Resende ao rei D. João III e sua insatisfação com a arte tipográfica portuguesa, perguntamos: como avaliar o ataque do letrado face à declaração de Inocêncio Francisco da Silva acerca da *Ropica Pnefma* de João de Barros? “É no meu entender [...] uma das mais notáveis preciosidades da typographia e bibliographia

portuguezas no século XVI” (INOCÊNCIO, *Dicionario Bibliographico Portuguez*, 10, 188). A *Ropica* foi impressa por Germão de Galharde em 1532 e há um famigerado exemplar da *editio princeps* no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, mencionado no *Catálogo* (p. 52).

Mais ainda, como considerar a insatisfação de André de Resende diante da que nos mostram as reproduções fac-similadas do *Catálogo dos Quinhentistas Portugueses da Biblioteca Nacional*? Ela vai contra a beleza das gravuras do *Livro Primeiro [quinto] de Ordenações* de 1514 (fac-similadas às p. 48-51); a graciosa representação do mestre antigo de gramática rodeado por inúmeras crianças, bem como os pequenos quadros com as imagens dos santos da Igreja e o jogo de aprender o alfabeto da *Gramatica da Lingua Portuguesa: com os mandamentos da Santa Madre Igreja [cartinha]* de João de Barros, impresso em 1539. A obra *Do Prestes Joam das Indias*, impressa sob os cuidados de João Rodriguez, talvez seja um dos livros mais impressionantes, no seu acabamento tipográfico com gravuras perspectivadas, sombreadas e com detalhes em sépia. No frontispício do *Dialogo da Viciosa Vergonha* de João de Barros, impresso em 1540, reúnem-se molduras com ornamentação floral, colunas com capitéis jônicos, uma arquitrave encimada por ícones do império português tais como o escudo real com as cinco quinas e as esferas armilares. A letra capital reproduzida no catálogo (p. 71), proveniente do *Livro de Constituições q se guarda em os Mosteiros da Cõgregaçam de Santa Cruz de Coimbra, dos canonicos regulares da ordem de nosso padre Santo Agostinho*, é um belo exemplo dos cuidados tipográficos das obras publicadas em meados do século XVI nas prensas conimbricenses sob os cuidados dos monges de Santa Cruz. Vale lembrar que Germão de Galharde permaneceu algum tempo, durante o ano de 1531, no Mosteiro de Santa Cruz ensinando aos monges a arte da impressão. Curiosamente, foi neste tempo e no espaço sagrado do monastério que Galharde imprimiu textos de Cícero em língua vulgar portuguesa, traduzidos pelo letrado Duarte de Resende. Outro primor da impressão quinhentista ilustrado no *Catálogo* é o *Livro das obras de Garcia de Resende* de 1545, iluminada e com variações dos tipos tanto nas formas como nas cores a vermelho e preto. A obra do matemático Pedro Nunes,

de 1546, *De erratis Orontii Finae Mathematicorum Lvtetiae Professoris*, pela natureza do escrito, traz representações geométricas que fundamentam as suas especulações teóricas. Diferentes destes desenhos geométricos, há também belíssimas figuras nas páginas 78: uma gravura alegórica com a imagem de São Tiago e nas 81: o frontispício da obra intitulada *Paixão de Jesus* de 1551. Os impressos contêm, além de gravuras e iluminações, tipos variados na composição dos textos tanto nos tamanhos como nas cores. As ilustrações do *Catálogo* nos mostram alguns tipos de letras utilizadas na impressão das obras quinhentistas, que variam da gótica menor à carolina menor, entre outras. Infelizmente, o catálogo não se preocupa em trazer informações filológicas básicas sobre os tipos de letra presentes nos livros catalogados.

Além de bem ilustrado, o *Catálogo* entusiasma o estudioso do quinhentismo português por sua riqueza de obras muito bem preservadas de importantes escritores do século XVI: Garcia de Resende, Damião de Góis, João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda, André de Resende, Juan de Pastrana, Diogo de Teive, Sá de Miranda, Duarte Nunes Leão, João Teixeira, Antonio Pinheiro, Jerônimo Osório, Camões, Pero Magalhães Gandavo, Diogo Bernardes e Antonio Ferreira, grandes nomes do que se chamou posteriormente de “humanismo” português.

Sabemos que nesta resenha não há elementos suficientes para avaliar a reclamação de André de Resende, porém, valendo-nos do que está no *Catálogo de Quinhentistas da Biblioteca Nacional*, podemos interpretar que a contenda era particularmente dirigida a Germão de Galharde e não à tipografia portuguesa em geral, como nos permitem inferir os impressos catalogados.

Devemos fazer nota, como tão bem chama a atenção o artigo de José Blanco, à parceria da Fundação Calouste Gulbenkian, que apoiou a restauração das obras, e a mostra *Quinhentistas Portugueses da Biblioteca Nacional* com a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Este tipo de parceria entre as instituições portuguesas e brasileiras é fundamental para a preservação do nosso legado comum nas letras e nas artes. Fica este *Catálogo* como modelo para outros sobre os impressos quinhentistas

publicados nas prensas não portuguesas, que também são numerosos na Biblioteca Nacional. *Catálogos* como estes auxiliam os estudiosos nas suas investigações bibliográficas, instigam novos trabalhos e mobilizam bibliotecários e restauradores no trabalho de preservação da memória das obras raras dos nossos acervos. Mais ainda, divulgam amplamente a existência destes tesouros, destes livros que são resquícios de um mundo já desaparecido, porém cognoscível pelo ajuste das lupas em que se transformam estas obras para enxergar o passado.